

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Da escrita de si à escritura do outro: o corpo como zona de contato em *Orgia: os diários de Tulio Carella*

Rafaella Cristina Alves Teotônio¹
Universidade Federal de Pernambuco
faelacristina@hotmail.com
Tito Eugênio Santos Souza²
Universidade Federal de Pernambuco
tito_souza@live.com

Resumo: No período em que viveu no Recife, no início dos anos 1960, o escritor argentino Tulio Carella registrou em diários as suas impressões e experiências naquela cidade. Do seu relato pessoal, resultou o livro *Orgia: os diários de Tulio Carella*, obra de caráter autobiográfico e intenso teor homoerótico. Nessa obra, o corpo constitui-se não apenas como uma zona de contato entre o eu e o espaço habitado, no sentido proposto por Marie Louise Pratt (1999), mas também se apresenta como uma forma privilegiada de relação com o outro em sua totalidade existencial. Neste trabalho, portanto, busca-se compreender de que modo o corpo e a sexualidade tornam-se elementos estruturantes da narrativa que nos é apresentada pelo personagem Lúcio Ginarte, pseudônimo de Carella.

Palavras chave: Escrita de Si – Corpo – Sexualidade – Narrativa – Zona de contato

Desde la escrita del yo hacia la escritura del otro: el cuerpo como zona de contacto en *Orgía, los diarios de Tulio Carella*

Resumen: Durante el período en que vivió en Recife, a principios de los años 1960, el escritor argentino Tulio Carella registró en diarios sus impresiones y experiencias en esta ciudad. De su vivencia personal, ha resultado el libro *Orgía: los diarios de Tulio Carella*, obra autobiográfica y de intenso contenido homoerótico. En esta obra, el cuerpo se constituye no sólo como una zona de contacto entre el yo y el espacio habitado, en el sentido propuesto por Marie Louise Pratt (1999), pero también se presenta como una forma privilegiada de relación con el otro en su totalidad existencial. En este trabajo, por lo tanto, intentamos comprender cómo el cuerpo y la sexualidad se convierten en elementos estructurales de la narrativa que nos presenta el personaje de Lucius Ginarte.

1 **Rafaella Cristina Alves Teotônio** é doutoranda em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL/UFPE).

2 **Tito Eugênio Santos Souza** é mestrando em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL/UFPE). Bacharel em Jornalismo pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb).

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Palabras clave: Escritura del Yo – Cuerpo – Sexualidad – Narrativa – Zona de contacto

No princípio dos anos 1960, o escritor e dramaturgo argentino Tulio Carella³ aportava no Recife com o propósito de se instalar naquela cidade, após receber um convite para ministrar aulas de teatro em uma universidade. Da sua vivência na capital pernambucana, resultaria o livro *Orgia: os diários de Tulio Carella, Recife, 1960*, obra de caráter autobiográfico e intenso teor homoerótico. Traduzida pelo escritor e dramaturgo pernambucano Hermilo Borba Filho, de quem Carella se tornaria grande amigo, a primeira edição brasileira de *Orgia* foi publicada em 1968 com a autorização do autor argentino, que a essa altura já havia regressado ao seu país de origem. Na época, o Brasil vivia sob o forte julgo da ditadura militar, tendo sido Carella alvo de perseguições que precipitaram o seu retorno à Argentina. Desde então, a obra não foi reimpressa e permaneceu esgotada até anos recentes, quando foi publicada, em 2011, uma nova edição pela *Opera Prima*, sob a supervisão de Alvaro Machado.

Embora o autor tenha recorrido ao uso da pseudonímia, utilizando-se de nomes fictícios para designar personalidades reais, é certo que *Orgia* apresenta características nitidamente autobiográficas: o protagonista, apresentado como o professor Lúcio Ginarte, é, na realidade, o próprio Tulio Carella traçado em seus contornos singulares, de modo que as atitudes e características daquele terminam por revelar a *persona* deste. Assim, se por um lado tais características são o indício de algo que se pretende ocultar, sob o efeito de um delicado verniz, por outro, a própria obra e o seu discurso se encarregam de revelar muito mais sobre aquele que nos escreve, deixando sempre pistas nas entrelinhas.

³ Poeta, ensaísta, dramaturgo e crítico de teatro, Carella nasceu no ano de 1912 em Mercedes, província de Buenos Aires, sendo considerado um dos escritores mais notáveis dos anos 1940-1950 na Argentina. Autor de importantes ensaios sobre a cultura portenha e consagrado pela sua obra literária e dramaturgica, assinou ainda roteiros cinematográficos e ministrou aulas de teatro em cursos superiores (inclusive no Brasil), além de outras realizações notáveis no decorrer da sua prolífica carreira. Sua morte aconteceu em 1979 na Argentina, em consequência de complicações cardíacas.

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Afora essas nuances delimitadoras, um dos aspectos mais marcantes de *Orgia* é a sua própria diegese. Dos oito capítulos que compõem a obra, os dois primeiros apresentam estrutura tipicamente romanesca, com narração em terceira pessoa e de caráter onisciente – ou narrador heterodiegético, na terminologia de Gérard Genette. A partir do terceiro capítulo, inicia-se o relato em forma de diário, escrito em primeira pessoa (narrador autodiegético). No entanto, esses diferentes focos narrativos vão se alternando até o final do livro, propiciando o interessante efeito de existirem duas obras em uma só. Essa mudança é sinalizada pelo padrão tipográfico: enquanto a narração em terceira pessoa aparece destacada em itálico, o conteúdo do diário aparece em padrão redondo.

Aliás, essa cisão que é observada na narrativa parece encontrar ecos no próprio autor/personagem. Não por acaso, em diversas passagens, o autor questiona a si mesmo sobre a razão pela qual escreve o seu diário, igualmente dividido entre o “pecado” e o “prazer”: “Quem sabe por que escrevo este diário? Por amor ao pecado, talvez? [...] Ou tento justificar-me a mim mesmo com uma exagerada grandeza no erótico?” (Carella 165). Em outro momento, no entanto, refere-se aos seus escritos como “um modo prático de analisar suas emoções, seus sentimentos”, talvez como forma de buscar a unidade de um “eu” cindido e fragmentado, sempre à deriva e em permanente contato com o “outro”.

Não raro, Carella parece assumir a perspectiva do “outro” enquanto observa e fala de si mesmo, como se houvesse uma cisão entre autor e personagem, a julgar pelo aparente efeito de distanciamento criado a partir do uso do pseudônimo “Lúcio Ginarte” e do foco narrativo em terceira pessoa. Além disso, a memória do autor/personagem possui um papel fundamental na construção da própria narrativa, na medida em que aquela vai “capturando”, por assim dizer, as identidades de ambos em seu relato confessional.

O corpo como zona de contato

Em seus estudos sobre transculturação, Mary Louise Pratt elaborou o conceito de zonas de contato: “espaços sociais onde culturas díspares se

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação” (Pratt 27). Transposto para este estudo, busca-se compreender o corpo como um espaço em que as relações se concretizam, ou seja, um espaço social, uma zona de contato. Em diversas perspectivas teóricas, especialmente a *queer*, o corpo é um elemento importante para a compreensão das representações de gênero e sexualidade, assim como também para as relações raciais e de classe, pois é o lugar onde é possível encontrar marcas, inscrições e alterações elaboradas pela cultura; “os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados” (Louro 8). O corpo é, portanto, um lugar de experiência, em que as relações se estabelecem e cravam suas demarcações, um território em que as identidades e consciências ganham materialidade.

Em *Orgia*, o corpo é um elemento simbólico na narrativa. É a partir dele que os contatos estabelecidos pelo protagonista, Lúcio Ginarte, tornam-se concretos e significados, sendo a sexualidade uma forma de encontro entre o seu corpo e os demais. Estes, demarcados socialmente, constroem, a partir das palavras do narrador, uma alteridade significativa para a história, refletindo uma espécie de etnografia biográfica acerca de um estrangeiro em um país desconhecido. São as impressões de Lúcio Ginarte, pseudônimo de Tulio Carella, que (re)criam uma geografia afetiva da cidade do Recife, mapeada a partir dos corpos de seus nativos.

A dinâmica do corpo como espaço, ou mais especificamente zona de contato, pode ser observada desde as primeiras páginas da narrativa. Em cada lugar que pisa, as impressões de Lúcio referem-se ao espaço e à diluição do lugar no espaço do seu corpo. Sensível, ele perceberá o clima, as cores e os cheiros a partir de uma relação sinestésica, que é captada em diversas passagens da obra.

O espaço torna-se a figura essencial, pois é a partir dele que a história é criada; sendo um elemento importante na narrativa, tanto em seu sentido físico e psicológico, é o mote e o parâmetro para as descobertas de Lúcio, um estrangeiro incapaz de conseguir laços profundos com os companheiros

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



intelectuais, mas que encontra nos sujeitos marginais a possibilidade de trocas afetivas e culturais. Assim, Recife emerge como o símbolo da sua vivência: as características da cidade que encontra (o clima quente, a sensualidade, a diferença, a beleza e a decadência da arquitetura) fundem-se aos personagens numa corporificação das impressões dele sobre o ambiente em que está vivendo. “Lúcio pensa: Aqui se encontra sem véus o rosto gracioso e, ao mesmo tempo, austero do desejo, do cego instinto sexual; tudo é força erótica, contato corporal, vênus deitada, Urano nas esquinas” (89).

Nesse sentido, “o espaço seria, em primeiro lugar, aquilo que podemos perceber através do nosso corpo” (Santos; Oliveira 68). Se é através do corpo que Lúcio percebe o espaço físico em que está habitando, este funde-se ao espaço corpóreo dos seus nativos, de modo que ele utiliza os mesmos signos para definir tanto a cidade quanto os seus moradores; ambos fundem-se na sua escrita, como é possível perceber nas várias relações que estabelece entre o clima quente da cidade às sensações experimentadas pelo corpo, seu e dos demais, principalmente em relação à sensualidade e sexualidade.

O desejo de Lúcio é aguçado desde a sua chegada ao Brasil. O calor e a sensualidade, símbolos de uma narrativa estereotipada do país, são reiterados pelas impressões do escritor, que recria a partir do mito uma imagem sensual da terra brasileira. A diferença que encontra, principalmente a racial, atrai o estrangeiro de uma forma que o desejo e a sexualidade são instigados ao contato. Logo, o mito do estrangeiro, o colonizador que atrai os nativos, é reconstruído a partir das impressões dos primeiros contatos de Lúcio: “Não tardam em aparecer aqueles que desejam o estrangeiro” (73); A calorosa recepção de Lúcio pelos moradores do lugar, narrada em seu diário a partir de relatos de encontros libidinosos no centro da cidade, mistura-se às suas impressões sobre a diversidade racial do Nordeste e a mistura cultural da América Latina.

Não por acaso, um dos fascínios de Lúcio está na sedutora beleza dos negros, sendo recorrente na narrativa a pergunta “O que é um negro?”. O contato com a diversidade de raças o impulsiona a descrever os corpos que

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



encontra com a mesma acuidade com que descreve as ruas e arquiteturas da cidade. Nesse ínterim, a distância entre o seu corpo – demarcado como estrangeiro, intelectual, diferente – e o corpo do outro – nativo, marginal, mestiço – nem sempre é sutil, por vezes evidenciando o modo como a distinção de classe e raça apropria-se das relações.

Desse modo, Lúcio assume, por assim dizer, a metáfora do colonizador, mesmo que destituído e possuído pelos corpos marginais que encontra. Por outro lado, suas impressões recriam e destroem essa metáfora, numa espécie de antropofagia literária que resume seu fascínio orgástico com a diversidade encontrada e a distância que impera nas suas relações.

Tal fascínio, no entanto, acaba por revelar uma compreensão exótica que compartilha com o pensamento etnocêntrico acerca dos corpos raciados. É como se o desejo e fascínio pelo corpo negro precisasse ser justificado e a sexualidade que entra em contato tivesse uma predisposição étnica. O imaginário que outrora fora inscrito pelas imagens imperiais acerca da América e do Brasil, assim como dos negros, está intrincando na escrita de *Orgia*. Mas, mesmo revelando esse imaginário em suas impressões, a escrita de Carella busca problematizá-lo. Afinal, ele é um estrangeiro que está de passagem e ainda não conhece profundamente o espaço que habita.

A relação com o personagem denominado King Kong, um pugilista com o qual Lúcio mantém uma relação mais profunda, é um exemplo claro disso. A cena da cópula entre eles é narrada como uma luta de dois mundos completamente distintos, que entram em contato quase forçosamente. Lúcio, intelectual, estrangeiro que atrai uma multidão de “invertidos” pelas ruas do Recife, tem sua primeira relação sexual consumada com um marginal, pugilista, mestiço e oficialmente heterossexual. A diferença racial e social atrai Lúcio, que se encanta com os músculos e a ingenuidade de King Kong. Pela narrativa, essa é a maneira como Lúcio o compreende, revelando em sua escrita uma evidente distinção.

Entretanto, ao longo da cena, a pretensa relação de dominação e subordinação que Lúcio estabelece com King Kong muda de figura. De

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



dominador, ele passa a ser dominado pelo outro através do ato sexual – zona de contato que se estabelece entre os corpos, na qual a diferença torna-se parte do desejo –, como um fetiche: “É preciso que entre nesse corpo pálido, alheio à sua terra, para comunicar-se com os deuses brancos que o habitam, mesmo que tenha de rasgá-lo e fazê-lo sangrar” (121).

Logo, a evolução que se percebe na narrativa é a de um personagem que ainda não se encontra diluído pelo espaço, mas um espaço que se encontra diluído no personagem. Assim, a narrativa de *Orgia*, tal como o próprio título e o mito dionisíaco sugerem, representa o encontro entre corpos diferentes e múltiplos que buscam, a partir do desejo, o contato, a experiência que possa burlar as barreiras que a solidão e a sociedade ergueram.

Bibliografia

Carella, Tulio. *Orgia: os diários de Tulio Carella, Recife, 1960*. São Paulo: Opera Prima, 2011.

Louro, Guacira Lopes. *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Pratt, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

Santos, Luís Alberto Brandão; Oliveira, Silvana Pêsoa. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.